Ambivalências
revista de antropologia do ppga-ufs

OPEN ACCESS
10.21665/2318-3888.v14n28p9

Apresentação

Festas e cidades: ritos festivos e a diferença no espaço público contemporâneo

Hugo Menezes Neto[1]
Universidade Federal de Pernambuco

Luciana de Oliveira Chianca[2]
Universidade Federal da Paraíba

Leonardo Leal Esteves[3]
Universidade Federal da Paraíba

As festas públicas costumam ter importância central na vida das cidades. Em meio ao crescente individualismo e aos processos de desagregação social vivenciados nos centros urbanos na contemporaneidade, os ritos festivos reforçam os laços comunitários, organizam o tempo, reavivam tradições e memórias, imprimem sentidos compartilhados à vida e projetam, de forma livre e criativa, outros devires à nossa forma de estar no mundo (Cavalcanti, 2015; Cavalcanti e Gonçalves, 2021; Da Matta, 1997; Peirano, 2003; Turner, 2005, 2013). Além disso, ocupar coletivamente as ruas e o espaço público, nestas e em outras ocasiões, torna-se uma oportunidade de garantir processos de sociabilidade, trocas e coexistência entre diferentes corpos, sujeitos e coletivos nos centros urbanos (David Harvey, 2014).

Dado o potencial criativo, mobilizador e, muitas vezes, transgressor de algumas festas públicas, esses eventos, entretanto, têm sido alvo de tentativas de controle e repressão ao longo da história (Araújo, 1996; Da Matta, 1997; Esteves, 2024; Gonzalez, 2024; Queiroz, 1999; Menezes Neto, 2024; Varella, 2024). Soma-se a isso o fato de que os centros urbanos, onde esses eventos acontecem, mais do que locais de moradia e de encontro entre diferentes sujeitos, têm se transformado em ambientes de negócios voltados predominan-

1. Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGA-UFPE). Universidade Federal de Pernambuco.

2. Professora Titular do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba, é Doutora em Antropologia pela Université de Bordeaux (França). Atua no programa de pós-graduação em Antropologia da UFPB.

3. Doutor e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGA-UFPE). Atualmente, realiza estágio pós-doutoral pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, com bolsa concedida pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ-PB), conforme o termo nº 480/2025.

temente aos interesses de investidores, agentes do turismo e de outros atores sociais envolvidos com o setor imobiliário e do mercado financeiro segmentos da chamada "indústria do entretenimento" e da "maquinaria patrimonial" (Carvalho, 2004; 2010; Chianca, 2019; Jeudy, 2005; Rolnik, 2019). Neste contexto, as festas públicas têm sido acompanhadas, cada vez mais, de processos de segregação, tensões e disputas entre diferentes atores sociais, que buscam interferir na dinâmica desses eventos e nos espaços onde ocorrem.

Neste dossiê, estão reunidos quatorze trabalhos que refletem sobre a relação entre festas públicas e cidades, a partir dessas diferentes perspectivas. O artigo de abertura é de autoria de Clara Maduell Gómez (UFMG) e tem como título "Em defesa da alegria: os blocos feministas de Carnaval e a luta por igualdade de gênero". No texto, a autora chama a atenção para o fato de que ocupar a rua por meio da festa também é um ato político. Tendo como referência uma etnografia sobre blocos feministas nas cidades de Belo Horizonte e de Porto Alegre, a autora revela como alguns coletivos carnavalescos "atuam como dispositivos de transformação social e empoderamento" (Gómez, 2026), promovendo redes de apoio, fortalecendo identidades feministas e ampliando a presença e a representatividade das mulheres na esfera pública. Em outras palavras, a autora discute que também se luta por meio das festas, como nos ensinou Lélia Gonzalez (2024).

Karla Oliveira (UFPE) e Leonardo Esteves (UFPB), por sua vez, refletem sobre a relação que se estabelece historicamente entre as festas e determinados territórios nas cidades. Em "A festa deslocada: o Concurso de Agremiações Carnavalescas frente às transformações recentes no centro do Recife", os autores discutem os impactos da transferência do tradicional Concurso das Agremiações Carnavalescas do Recife para uma área distante do centro da cidade. Conforme os autores, tanto a área central do Recife como o próprio Carnaval vêm passando por mudanças significativas nas últimas décadas. Ao analisar a importância do referido concurso para as agremiações e refletir sobre as alterações que estão ocorrendo naquela região, o artigo revela que deslocamentos inadvertidos nos espaços tradicionais de realização das festividades podem "pôr em risco aspectos importantes para os coletivos e para os sujeitos que fazem parte delas".

O artigo "Produzir a cidade pela festa: ritos festivos e disputa do espaço público no Ocupe Estelita" de Luiz Eduardo Pinheiro Sarmento (UFPE), em certa medida, corrobora alguns argumentos dos textos que abrem esse dossiê e avança em outros pontos. Nesse artigo, a partir da análise das ações realizadas no âmbito do Movimento Ocupe Estelita, entre 2013 e 2017 no Recife, o autor reflete sobre como práticas festivas no contexto de movimentos sociais podem ser consideradas formas de produção da própria cidade. Nesse trabalho, Sarmento toma "práticas festivas como chave analítica para compreender os processos de constituição de regimes de uso do território e as formas pelas quais diferentes sujeitos passaram a disputar material e simbolicamente a cidade".

Em "Brincadeiras e divertimentos do ciclo natalino em Maceió: análise das transformações das festas populares na Primeira República", Ulisses Neves Rafael (UFS) realiza uma rica etnografia em documentos e em periódicos do início do século XX, com vistas a analisar os processos de controle e repressão às festas populares de final de ano ligadas às populações negras, pobres e periferizadas da cidade de Maceió. O artigo demonstra como tais expressões, "longe de constituírem meros desvios ou casos de polícia, funcionavam como sismógrafos das reações populares frente às políticas higienistas e autoritárias das elites". Com isso, o texto revela, como aponta o autor, "estratégias cotidianas de resistência, sociabilidade e salvaguarda da memória ancestral frente aos sistemáticos silenciamentos impostos pelo Estado".

Um mergulho historiográfico, que joga luz sobre processos de circulação de festas e tradições entre diferentes cidades, é também empreendido por Vinícius Machado Luz (UFG) e Rosana Maria Ribeiro Borges (UFG) em "Das Bandeirinhas de Touros às Donzelas de Lagolândia: alguns aspectos do surgimento de uma tradição popular". Nesse artigo, os autores analisam o surgimento da Folia de São João em Lagolândia, distrito de Pirenópolis (GO), e a sua relação com o grupo das Bandeirinhas de Touros (RN). Com isso, o texto aponta como a memória, a religiosidade e as performances culturais protagonizadas por mulheres no município de Lagolândia estão intimamente imbricadas na construção de identidades e em processos de continuidade de tradições no contexto da cultura popular.

Embates envolvendo a presença de determinadas manifestações culturais no Carnaval da cidade são o mote do trabalho de Akyla da Silva (UFPE) e de Hugo Menezes Neto (UFPE). No artigo "Notas sobre os bastidores das tensões e disputas no carnaval de Olinda: O caso dos blocos de samba", os autores analisam as tensões decorrentes do crescimento dos blocos de samba no Carnaval de Olinda. Com isso, Silva e Menezes Neto chamam a atenção para disputas entre diferentes atores sociais em torno do que supostamente seria considerado uma forma legítima de participação da festa na cidade que, em tese, seria amplamente democrática e marcada pela diversidade. Mas que, na prática, é permeada por disputas em torno daquilo que seria considerado "tradicional" (e, portanto, "aceitável") por determinados atores envolvidos com a festa em Olinda.

No artigo "As interfaces do maracatu cearense: entre a identidade negra, o reconhecimento artístico e social e a visibilidade LGBTQIAPN+", Jailma Oliveira (UFPE), por sua vez, lança luz sobre a dimensão multivocal associada aos maracatus no Carnaval cearense. Em outras palavras, neste trabalho estão em foco a diversidade de sentidos e os múltiplos marcadores sociais que ganham relevo em uma manifestação cultural. De acordo com a autora, o texto apresenta "diferentes usos, por assim dizer, do maracatu cearense e como eles operam e perpassam a vida das pessoas que fazem parte dos grupos, os quais se situam entre a identidade negra, a visibilidade artística e o lugar de minorias sexuais". A

participação nos maracatus, com isso, adquire múltiplos sentidos para os seus integrantes e, por meio desse envolvimento, busca-se a afirmação política de diferentes identidades.

Em "Do Marco Zero a Chão de Estrelas: patrimônio imaterial, conflito normativo e a disputa pelo Espaço Urbano no Recife", Victor de Oliveira (UFPB) discute o paradoxo que existe entre, por um lado, o reconhecimento de uma determinada expressão cultural como patrimônio imaterial pelo IPHAN e, por outro, os processos de repressão e discriminação sofridos pelos grupos em suas sedes e em suas atividades cotidianas. Tomando como referência o caso de um maracatu do Recife, o autor revela as contradições que existem "entre a valorização institucional do maracatu-nação e a repressão territorial vivenciada por suas comunidades no cotidiano periférico".

O controle sobre os corpos e as identidades em práticas festivas também é o tema do artigo de Luiz Vinícius Maciel Silva (UFPE/Paço do Frevo) e Jefferson Elias de Figueiredo (UFBA). Em ""Cadê o sorriso?!": projetos de pernambucanidade e seus impactos sobre o sujeito brincante/passista de Frevo" os autores discutem como a historiografia canônica em torno do frevo, elaborada por intelectuais e pelas elites no século 20, fortemente influenciada pelo chamado "mito da democracia racial", "opera, hoje, nas experiências e autoimagem de brincantes/passistas, muitas vezes, produzindo e reproduzindo apagamentos, contextos de precarização e fetichização".

Jessyca Barbosa Marins (UFPB), por sua vez, discute como determinados segmentos da festa são submetidos a processos de apagamento nas cidades. No artigo ""Que Tapuias são vocês?": patrimônio, memória e identidade nas Tribos Indígenas do Carnaval de João Pessoa", a autora argumenta que, apesar da riqueza estética, performática e simbólica e da longa tradição de agremiações carnavalescas chamadas de "tribos indígenas" em João Pessoa, essa manifestação cultural é extremamente invisibilizada localmente. Esse processo de apagamento é tão significativo que algumas pessoas chegam a duvidar da própria existência de um Carnaval na cidade. O texto, nas palavras da autora, "problematiza a posição marginal ocupada por essas manifestações, tanto no circuito do Carnaval, quanto na própria dinâmica urbana de João Pessoa".

Transformações nas formas de organização, de consumo e de ocupação da cidade em grandes eventos são o tema do artigo de João Otávio Galbieri (IUPERJ/UCAM), Luiz Gustavo Simão (UNICAMP) e Cristiane Vilma de Melo (FAAC/UNESP). Em "Festa e mercado: políticas das diferenças em espaços de consumo LGBTQIA+", os autores lançam luz sobre possíveis dilemas e paradoxos enfrentados na organização de grandes eventos voltados às pautas LGBTQIA+. Conforme os autores, em alguns eventos, "a ampliação do acesso dos públicos não elimina as diferenciações e hierarquias, que reaparecem nas formas de trabalho, nos modos de circulação das pessoas, nas possibilidades de consumo e nas dinâmicas dos espaços".

Em ““Nosso jeito de fazer São João”: circulação e reconhecimento no circuito quadrilheiro carioca” de Elen Procópio (UERJ) e Frank Andrew Davies (UERJ), os autores analisam “como o chamado ‘São João carioca’ é produzido, reconhecido e reelaborado a partir de seu pedaço e dos circuitos festivos”. A partir de uma rica etnografia sobre quadrilhas juninas da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro e do diálogo com categorias e referências amplamente utilizadas na antropologia urbana, o texto explora as práticas e os processos de reinvenção, de reconhecimento e de pertencimento dos grupos em diferentes espaços da urbe.

As festas juninas e as suas transformações também são o tema central do artigo de Josélio Sales (UFPB) e de Luciana Chianca (UFPB). Em “Metamorfoses das festas juninas urbanas: Campina Grande e Bananeiras (Paraíba, Brasil)”. Tendo como foco o São João da cidade de Bananeiras e a sua relação com o conhecido São João de Campina Grande, os autores argumentam que “embora os festejos juninos permaneçam como espaços de sociabilidade e produção de memória coletiva, também constituem campos de disputas simbólicas, políticas e econômicas”.

O artigo de Mesalas Ferreira Santos (UFS/UNIPIO), que fecha o dossiê, tem como título “Quem pode pôr a festa na rua? Patrimônio, autoridade e controle do espaço público nos Lambe-Sujos e Caboclinhos de Laranjeiras, Sergipe”. Neste texto, Santos analisa como diferentes instrumentos de reconhecimento institucional, formas de controle estatal e a participação de certos atores sociais influenciam a produção da brincadeira do Lambe-Sujos e Caboclinhos na cidade de Laranjeiras, em Sergipe. Conforme o autor, “a festa emerge como realização distribuída, embora atravessada por poderes desiguais de autorizar presenças e interditar percursos”.

Sob diferentes perspectivas, portanto, esse dossiê revela o papel fundamental que os ritos festivos ocupam no espaço público nas cidades, frente a processos históricos de controle, de cerceamento e de apagamento de determinados sujeitos e de coletivos nos centros urbanos do nosso país. No contexto atual, em que setores da extrema direita, com toda a sua violência e intolerância, passam a ocupar espaços de poder em todo o mundo, a análise sobre as festas joga luz sobre formas de insubmissão, de organização, de ocupação e de resistência nas cidades, por meio das quais diversos sujeitos e coletivos lançam mão para projetar criativamente outros mundos e devires possíveis.

Referências

ARAÚJO, Rita de Cássia B. **Festas:** Máscaras do Tempo. Entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1996.

CARVALHO, José Jorge. Metamorfoses das tradições performáticas afro-brasileiras: de patrimônio cultural à indústria de entretenimento. *In*. TORRES, Maria Helena; TELLES, Lucia Silva (Ed.) **Celebrações e saberes da cultura popular:** pesquisa, inventário, crítica, perspectivas. Rio de Janeiro: Funarte, Iphan, CNFCP (Encontro e estudos; 5), 2004.

CARVALHO, José Jorge. "Espetacularização" e "canibalização" das culturas populares na América Latina. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, ano 14, vol.21 (1), p. 39-76, 2010.

CAVALCANTI, Maria Laura. **Carnaval, ritual e arte**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

CAVALCANTI, Maria Laura; GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Cultura, festas e patrimônios. *In*: MARTINS, Carlos (Coord.). **Horizontes das ciências sociais no Brasil**: antropologia. São Paulo: Barcarolla; Discurso Editorial, 2010. p. 259-292.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. Quadrilha junina e cidade, mercado e beleza da obra. **Revista Mundaú**, (5), 126–141, 2019.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ESTEVES, Leonardo. Territórios da Festa: o Carnaval e o Projeto Novo Recife. **Ambivalências**, São Cristóvão-SE, v. 11, n. 22, p. 145-166, 2024.

GONZALEZ, Lélia. **Festas populares no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2024.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo:Martins Fontes, 2014.

JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

MENEZES NETO, H. **Tem samba na terra do frevo**: as escolas de samba no Carnaval do Recife. Recife: Ed. UFPE, 2024.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Carnaval brasileiro**: o vivido e o mito. São Paulo: Brasiliense, 1999.

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos lugares:** a colonização da terra e da moradia na era das finanças. 2ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

TURNER, Victor. **Floresta de Símbolos**. Aspectos do Ritual Ndmbu. Niterói: Ed. UFF, 2005.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

VARELLA, Guilherme. **Direito à Folia**. São Paulo: Alameda, 2024.